



mosaico
acre
mapeamento
cultural do
artesanato
brasileiro

CRAB

CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO

SEBRAE

Agradecimentos

Este trabalho nasce de muitas vozes, mãos e olhares que acreditam no poder transformador do artesanato brasileiro.

Nosso profundo agradecimento vai para cada artesão e artesã do Acre que compartilhou tempo, experiências e histórias durante o Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro. Sem eles, não seria possível revelar a beleza e a diversidade que moldam as expressões artesanais dessa rica região.

Um agradecimento especial ao Diretor de Desenvolvimento do Sebrae Rio, Sergio Malta, grande entusiasta e incentivador dessa ação que une o estado do Acre em torno de um recorte tão simbólico e potente que é a Amazônia Legal.

Estendemos também nossa gratidão ao Sebrae Acre, parceiros incansáveis nessa jornada, e à equipe do Instituto Zagaia Amazônia, que conduziu com sensibilidade e dedicação essa iniciativa tão essencial para o fortalecimento e a valorização do artesanato em nosso país.

Que este material seja mais um passo para celebrar, reconhecer e difundir a força criativa que move o Brasil.

Centro Sebrae de Referência do Artesanato Brasileiro (CRAB)

Apresentação

A análise do artesanato no estado será realizada a partir dos conceitos de Luta Instrumental, Luta Identitária e Luta Ética (SANTOS, 2017)¹.

- Luta Instrumental: Relaciona-se à dimensão material, onde o artesanato é ferramenta de sustento econômico, de sobrevivência e de garantia de bens para as artesãs e suas comunidades.
- Luta Identitária: Envolve a luta por reconhecimento, direitos territoriais e visibilidade, usando o artesanato como bandeira de resistência contra o apagamento e a desvalorização cultural, analisando a participação das mulheres em organizações e sua liderança.
- Luta Ética: Foca na afirmação da identidade, dos valores e do modo de vida de quem o produz, onde o ato de fazer e vender o artesanato é um posicionamento ético que questiona a hierarquia da arte e celebra a diferença cultural.

Segundo Santos, essas Lutas se entrelaçam e se retroalimentam, sendo indissociáveis na experiência das artesãs, onde fazer arte, garantir o pão e afirmar a identidade são um só movimento, transcendendo a mera produção para se tornar um ato de resistência e reconhecimento cultural.

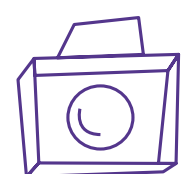
¹ SANTOS, J. S. Numiã kura: as lutas das artesãs no Amazonas. 2017. Tese (Doutorado) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017.

Sumário

Documentário: Mosaico Acre	06
Mosaico Acre: Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro	07
Reserva Extrativista Chico Mendes e o Seringal Guanabara	10
Coleta de sementes	17
Rio Branco	21
Porto Acre	41
Cruzeiro do Sul: O Coração Artesanal da Amazônia Ocidental	47
Panorama do Artesanato em Municípios do Acre	76
Extras: Making of e playlist	81
Contatos	82

Como ler este e-book

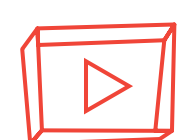
Este material é interativo. Alguns ícones contêm links para documentos extras, vídeos, fotografias e muito mais. Confira as sinalizações destacadas por cores:



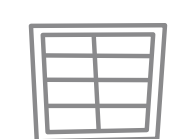
Fotografias dos nossos fotógrafos parceiros e equipe.



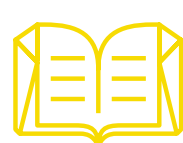
Imagens extras retiradas de outros materiais.



Vídeos: todos clicáveis redirecionando para um material audiovisual.



Tabelas: organização das informações de forma sucinta.



Referências: todas clicáveis, com links para as teses, dissertações e artigos.



Saiba mais: com informações extras sobre um determinado assunto.



Links: sempre que esta mão aparece significa que é um hiperlink com materiais extras.



Voltar: no fim de cada capítulo, esse ícone volta para o sumário.



Entrevistas aprofundadas com os artesãos.



Questionário Simplificado com informações mais objetivas dos artesãos.



Balões de falas com citações diretas.



Luta instrumental



Luta identitária

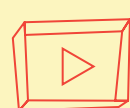


Luta ética



Documentários Mosaico Acre

Assista aos documentários produzidos no Acre:



**Mosaico
Acre**



Ep. 01: Resistência ancestral nos territórios: história e tradição



**Mosaico
Acre**



Ep. 02: Juventude guardiã e proteção dos territórios



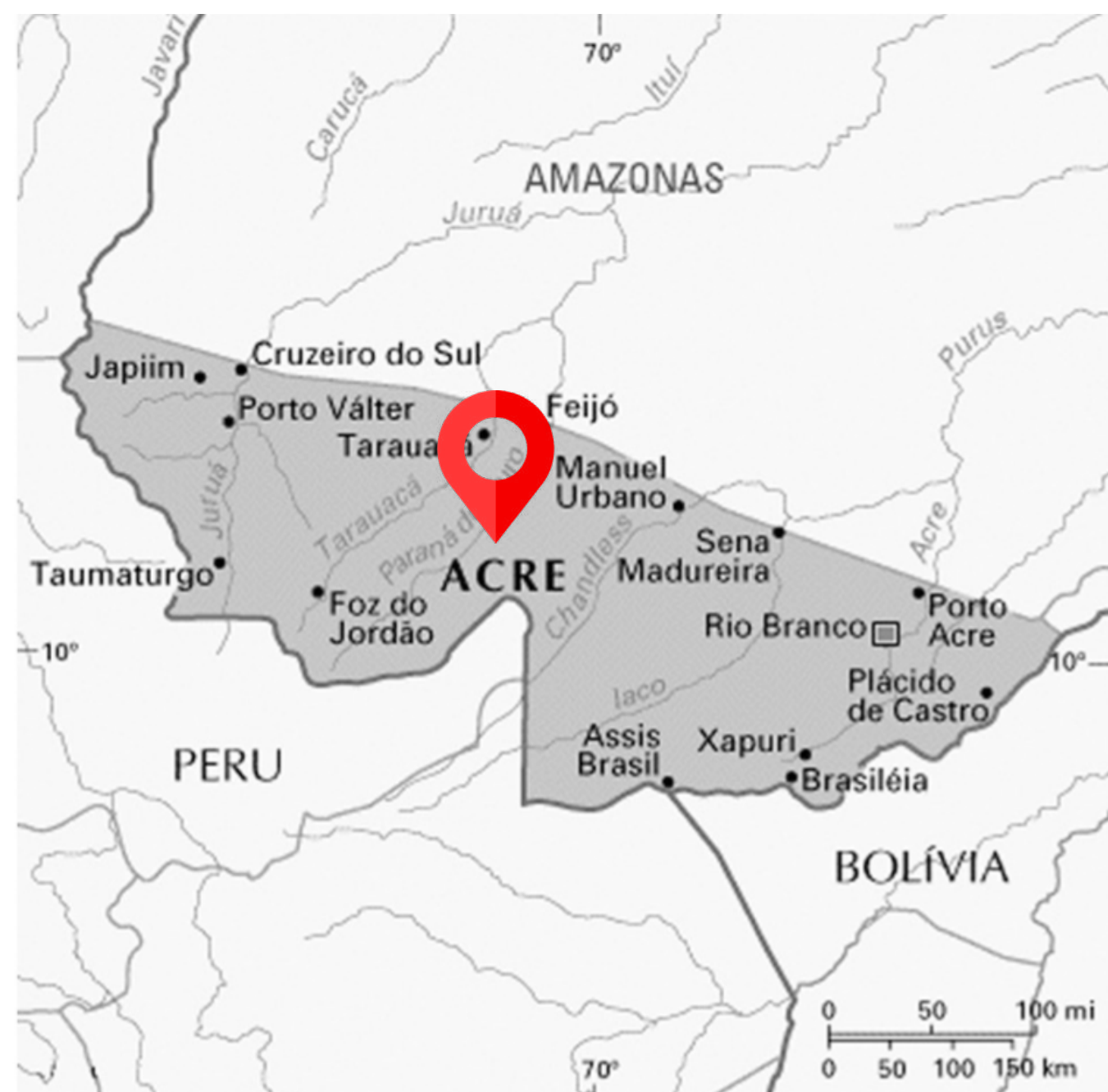
**Mosaico
Acre**



Ep. 03: Bioeconomia e mercado artesanal sustentável

Mosaico Acre

Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro



Mapa da Localização do estado do Acre e a fronteira entre Perú e Bolívia.
Fonte: Pimenta, José. (2018)¹.

O Acre, localizado no sudoeste da Região Norte do Brasil, possui uma rica e singular diversidade cultural e ambiental que reflete sua história, paisagens e povos. Em posição estratégica dentro do bioma amazônico, o estado faz fronteira com o Amazonas e Rondônia, além de limitar-se com a Bolívia e o Peru. Destaca-se pela preservação ambiental, mantendo cerca de 88% da cobertura florestal intacta. Considerado um dos estados com menor densidade demográfica do país, carrega em sua formação histórica influências dos seringueiros nordestinos, indígenas e migrantes de outras regiões do Brasil, resultando em um mosaico cultural diverso e criativo.

¹ Pimenta, José. (2018) Unir para além da fronteira: Um esboço da etnopolítica transnacional ashaninka. Anuário Antropológico, v.43 n.2.

A história do Acre é marcada pela Revolução Acreana, que consolidou sua anexação ao Brasil em 1903, após a intensa produção de borracha que atraiu migrantes e transformou a dinâmica econômica e social da região. Até hoje, o estado é conhecido pelo protagonismo no extrativismo florestal, seja pela produção de borracha, castanhas ou mesmo como referência na aplicação de práticas sustentáveis que conciliam a preservação da biodiversidade com a geração de renda.



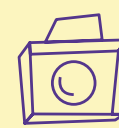
Paisagens do Seringal Guanabara na Reserva Chico Mendes - AC.
Foto por Sharlene Melanie.



O Artesanato como Expressão da Cultura Acreana

Com cerca de 2.066 artesãos cadastrados em oito espaços criativos, o artesanato desempenha um papel vital no Acre, ampliando as oportunidades econômicas e culturais das comunidades locais. O estado conta com mestres artesãos renomados que perpetuam saberes tradicionais por meio de técnicas sustentáveis, como o beneficiamento de sementes, a produção de biojoias e a confecção de peças utilitárias e decorativas. A força do artesanato indígena, liderada por povos como os Huni Kuĩ, Yawanawá e Ashaninka, é um dos pilares do desenvolvimento criativo local.

Entre os diferentes destaques do artesanato acreano, o povo Ashaninka contribui com o 'Kusma', uma bata de algodão que carrega o simbolismo de suas tradições e conquistou o interesse pela moda contemporânea. Além disso, o trabalho do coletivo Rautihu, composto por um grupo de 90 artesãos Yawanawá, chama atenção com a produção de acessórios de miçangas que formam padrões gráficos sagrados, conectando simbolismos culturais e práticas de geração de renda.



Jovem Kuni Kuĩ mostrando o algodão usado no artesanato do seu povo. Foto por Sharlene Melanie.

Reserva Extrativista Chico Mendes e o Seringal Guanabara

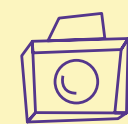


Mapa do Acre destacando a Reserva Chico Mendes.
Fonte: Adaptado de ICMBio, 2020.

A **Reserva Extrativista (Resex) Chico Mendes**, localizada no estado do Acre, é uma das mais significativas áreas protegidas do Brasil, sendo criada em 1990 com o objetivo de conservar a floresta amazônica e promover o desenvolvimento sustentável das comunidades extrativistas. Idealizada como um legado do seringueiro e ativista **Chico Mendes**, a Reserva representa a luta por um modelo de preservação que integra a conservação ambiental ao respeito e valorização da cultura de populações que dependem diretamente da floresta.

Hoje, a reserva abrange cerca de **970 mil hectares**, distribuídos por seis municípios: Xapuri, Brasiléia, Epitaciolândia, Assis Brasil, Capixaba e Sena Madureira. Esse território é habitado por mais de 11 mil pessoas organizadas em comunidades rurais, principalmente em seringais. São áreas onde as famílias realizam o manejo tradicional da floresta por meio de atividades como a coleta de castanha-do-pará, a extração de látex para a produção de borracha, a agricultura de subsistência e o artesanato.

Dentro da Reserva Chico Mendes encontra-se o **Seringal Guanabara**, em **Brasiléia**, uma terra rica em história e biodiversidade. O seringal é lar de inúmeras famílias que herdaram os saberes tradicionais de manejo sustentável da floresta, práticas que não apenas garantem a sobrevivência, mas também preservam os recursos naturais para as futuras gerações.



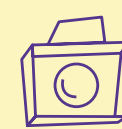
Leandro Lanes coletando sementes no Seringal Guanabara, na Reserva Chico Mendes - AC.
Foto por Sharlene Melanie.



Um Legado de Resistência e Sustentabilidade

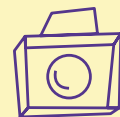
A criação da Reserva marca a concretização de um sonho de Chico Mendes, assassinado em 1988 em decorrência da luta dele pela preservação da Amazônia e pelos direitos dos trabalhadores seringueiros. Ele dedicou a vida à proteção da floresta diante das pressões de desmatamento e ao empoderamento das comunidades extrativistas, que ainda hoje carregam em suas práticas a essência da sustentabilidade.

A reserva, ao longo de mais de três décadas, se consolidou como um exemplo de modelo social e ambiental, integrando a busca pela **conservação da biodiversidade amazônica** com a defesa do **modo de vida das populações tradicionais**. Ao visitar áreas como o Seringal Guanabara, é possível testemunhar o esforço cotidiano dessas famílias em manter vivas tanto as práticas centenárias quanto as lições do líder seringueiro.



Iranilce Lanes coletando semente no Seringal Guanabara, na Reserva Chico Mendes - AC.
Foto por Sharlene Melanie.





Sementes coletadas no Seringal Guanabara, na Reserva Chico Mendes - AC e Iranilce Lanes mostrando o artesanato do Atelier Florescer. Fotos por Sharlene Melanie.

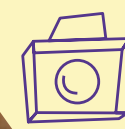
Luta instrumental



Na Resex Chico Mendes, o artesanato se configura como uma base essencial para garantir a subsistência das famílias que dependem diretamente dos recursos da floresta. Para Iranilce Lanes e o grupo do Ateliê Florescer, a prática artesanal representa muito mais do que uma simples atividade econômica: é uma estratégia central para a sobrevivência digna diante das restrições do mercado local e dos desafios impostos pelo isolamento geográfico. O artesanato é, portanto, um instrumento vital para a geração de renda em um contexto em que outras oportunidades são escassas.

O Atelier utiliza materiais nativos, como o cipó e sementes da floresta, para a criação de produtos que atendem a uma demanda de mercado e, também, refletem a biodiversidade e o conhecimento local acumulado por gerações.





Artesã Francisca da Silva
do Seringal Guanabara,
na Reserva Chico Mendes.
Foto por Sharlene Melanie.



Luta identitária



O artesanato desenvolvido no Seringal Guanabara é uma poderosa expressão da identidade cultural das comunidades extrativistas. A prática artesanal não é apenas uma atividade econômica, mas também um instrumento de resistência e continuidade cultural. Para Iranilce e as mulheres do Atelier Florescer, cada peça carrega em si a memória dos seringueiros e das práticas ancestrais que moldaram a história da reserva e da própria Amazônia. O artesanato se consolida como um poderoso instrumento de afirmação da herança cultural, resistindo ativamente à homogeneização e à desvalorização dos saberes tradicionais.

O uso do cipó para a confecção de balaios e utensílios, por exemplo, é um símbolo da herança deixada pelos avós e bisavós das artesãs. O artesanato, nesse contexto, torna-se uma forma de salvaguardar os saberes tradicionais, garantindo que as futuras gerações possam se conectar com as raízes culturais e fortalecer o sentimento de pertencimento à Reserva Chico Mendes.

Luta ética



Na Reserva Extrativista Chico Mendes, a luta ética do Ateliê Florescer é um pilar fundamental, manifestando-se no compromisso indissociável com a justiça social e a conservação ambiental, em total alinhamento com o legado de Chico Mendes. Este grupo de artesãos demonstra diariamente que é possível uma produção econômica que não apenas respeita, mas depende diretamente da floresta em pé, integrando valores culturais e ecológicos nas atividades diárias.

A escolha de materiais nativos, como cipó e sementes, não é acidental. Reflete um profundo conhecimento do manejo sustentável e do uso consciente dos recursos naturais.

O Atelier Florescer pratica uma extração seletiva e responsável, garantindo que a coleta de matéria-prima não comprometa a regeneração da floresta ou a biodiversidade local. Essa prática é uma materialização do princípio extrativista de valorizar a floresta viva, provando que o sustento das famílias pode ser obtido sem derrubada, sendo um contraponto direto às práticas predatórias que ameaçam a Amazônia.



Artesanatos do Atelier Florescer, no Seringal Guanabara, na Reserva Chico Mendes - AC. Foto por Sharlene Melanie.



Artesãos, artesanatos e sementes do Atelier Florescer, no Seringal Guanabara, na Reserva Chico Mendes - AC.
Fotos por Sharlene Melanie.



Coleta de sementes

Por Iranilce & Leandro Lanes

Seringal Guanabara, Reserva
Extrativista Chico Mendes, Brasília - AC



1

Para a coletar as sementes, os artesãos adentram a floresta da Reserva Chico Mendes.



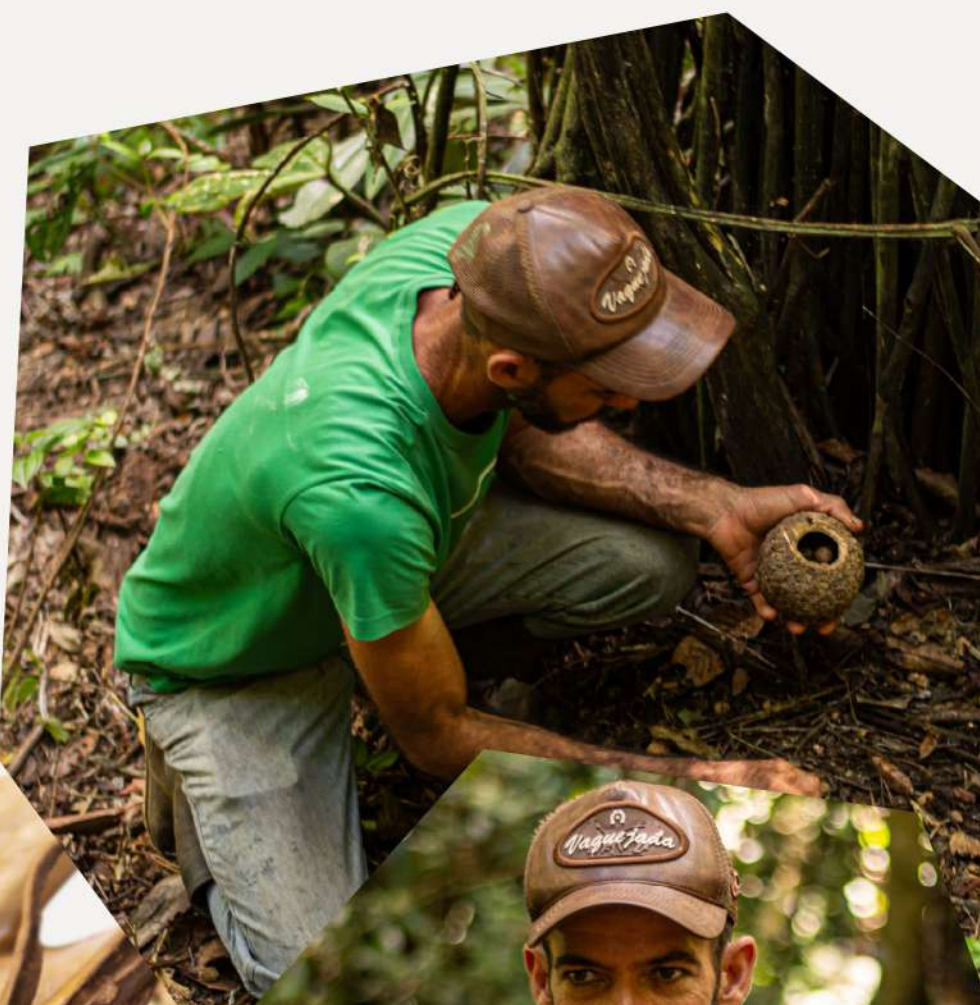
árvore de paxiubão

semente de paxiubão



2

Procuram as sementes perto das árvores.



3

As sementes são selecionadas e coletadas.



4

As sementes são depositadas em um recipiente ou em um ouriço de castanha coletado local.

5

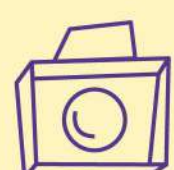
As sementes são secadas ao sol.

6

E depois beneficiadas para a criação das peças.

7

Cada artesão desenvolve as peças de acordo com sua criatividade.



Fotos por Sharlene Melanie.



Acesso ao episódio 2 do documentário Mosaico Acre e assista sobre a coleta das sementes.





Tipos de sementes

Seringal Guanabara, Reserva Extrativista Chico Mendes, Brasília - AC



Fotos por Sharlene Melanie.

Cascas e ouriços colhidos e utilizados no artesanato do Atelier Florescer



Produtos **Atelier Florescer**



Brincos

Material: semente de paxiubão



Colar

Material: semente de paxiubão e madeira de teca



Colar

Material: madeira



Colar

Material: semente de jarina e paxiubão



Colar

Material: semente de jarina e açai



Colar

Material: semente de jarina e paxiubão



Bolsa

Material: semente de jarina, madeira e tecido



Anéis

Material: semente de jarina

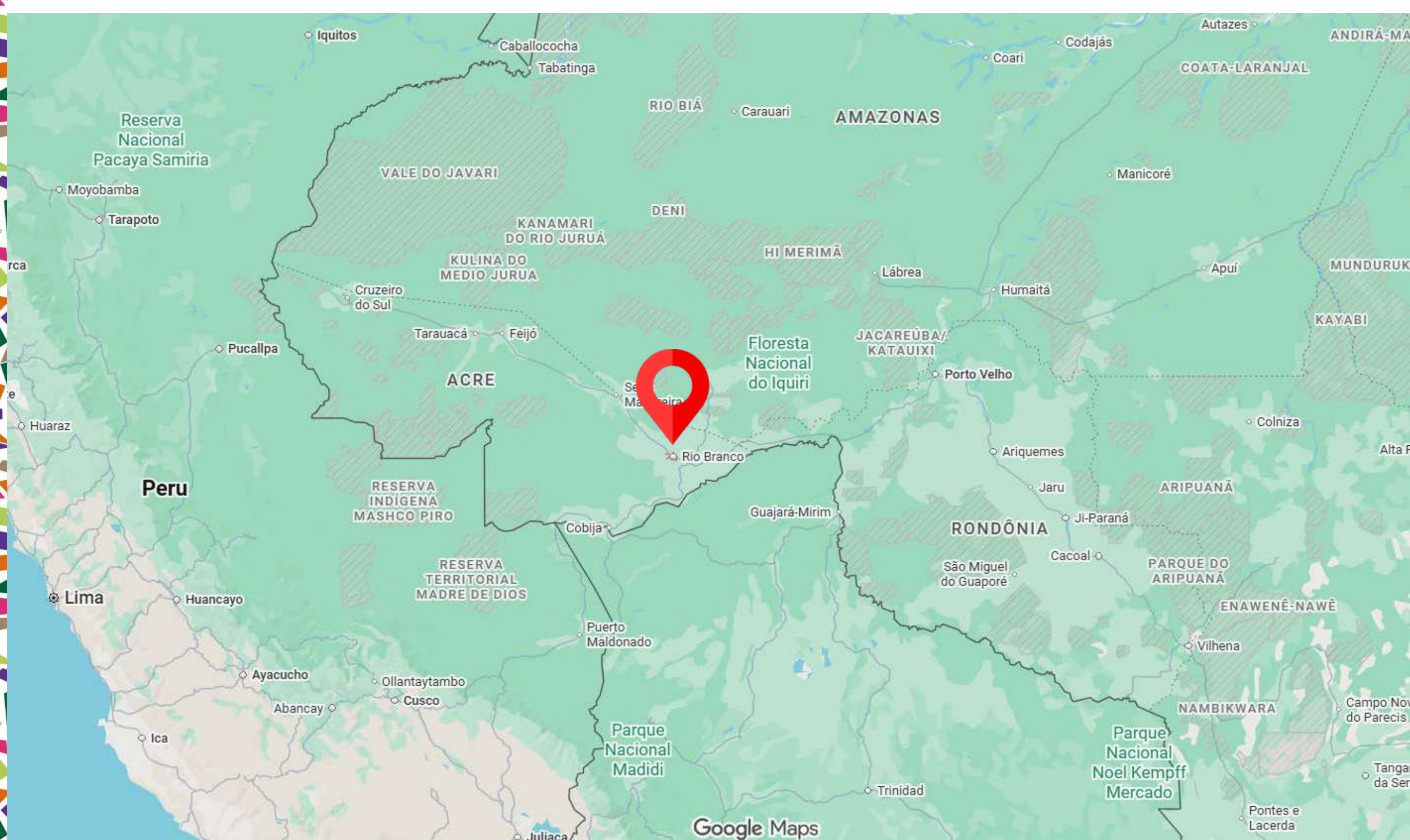


Acompanhe o Atelier Florescer no Instagram.



Acessórios criados pelo Atelier Florescer. Fotos por Sharlene Melanie e Atelier Florescer.

Rio Branco



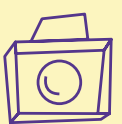
Mapa da Localização de Rio Branco, Capital do Acre.
Fonte: Adaptado de Google Maps.

Na vanguarda do território brasileiro, onde o sol se põe por último, situa-se o Acre. A capital, Rio Branco, é mais do que um ponto geográfico: é o epicentro de uma narrativa de lutas e profunda conexão com a Amazônia.

Originário de territórios antes bolivianos e peruanos, o Acre se tornou brasileiro em 1903 após a efervescência do Ciclo da Borracha e a marcante Revolução Acreana. Foi nesse cenário que Rio Branco nasceu, a partir de um seringal fundado em 1882, transformando-se de um ponto de extração de látex em uma capital que reflete a fusão de culturas indígenas, nordestinas e de diversas partes do mundo.

Essa miscigenação cultural se manifesta vibrantemente na diversidade do artesanato acreano. Peças feitas com sementes, cipó, madeira, látex e argila não são meros objetos. Elas são expressões autênticas de uma identidade forjada na floresta e na história desses povos. Destacam-se a marchetaria, as biojoias e os produtos inovadores com látex, além da rica arte indígena.

Nesse contexto, o artesanato do Acre além de ser uma manifestação artística, representa uma luta viva pela valorização da floresta em pé, pela preservação dos saberes ancestrais e pela autonomia de comunidades que encontram na arte uma forma de sustento, afirmação e resistência. É um convite a compreender como a cultura e a natureza se entrelaçam na construção de um futuro sustentável.

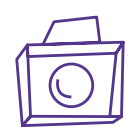




O Artesanato Huni Kuĩ

Em Rio Branco, a arte indígena dos Huni Kuĩ emerge como um poderoso vetor de significado, luta e resistência. Conhecido pelo intrincado grafismo, o Kene Kuin – “desenho verdadeiro” – transcende a estética para se tornar a linguagem visual que guarda a identidade, a força e o espírito desse povo. Inspirados nos elementos da natureza, como padrões de cobras e outros animais, e transmitidos por gerações, especialmente pelas mulheres, esses desenhos estão presentes em cada peça de artesanato, transformando sementes, algodão e miçangas em narrativas ancestrais e símbolos de um modo de vida profundamente conectado à floresta.

Através das vozes de Raimunda, Batani e Haweani Huni Kuĩ, mergulhamos nas dimensões da luta que moldam o artesanato indígena em Rio Branco, revelando complexidade e vitalidade.



Raimunda e Batani Huni Kuĩ, Rio Branco - AC.
Fotos por Sharlene Melanie.





Luta instrumental



Para os Huni Kuĩ, o artesanato é um instrumento essencial de sobrevivência e autonomia econômica, especialmente para as mulheres. Raimunda Huni Kuĩ, líder da Associação das Produtoras de Artesanato das Mulheres Indígenas de Tarauacá e Jordão (Apaminktaj), exemplifica essa luta ao atuar contra a desvalorização do trabalho feminino e a falta de mercado. A criação da Apaminktaj e a conquista da loja Bari da Amazônia, no Novo Mercado Velho de Rio Branco, são marcos da capacidade de organização e busca por autonomia financeira.



Raimunda Huni Kuĩ, na loja Bari da Amazônia, Rio Branco - AC.
Fotos por Sharlene Melanie.

A vivência de Batani Huni Kuĩ reforça a dimensão da Luta Instrumental em um contexto de profunda mudança. Tendo aprendido o artesanato desde os oito anos, na floresta, ela o utiliza como principal meio de sustento para si, os filhos e sobrinhos.

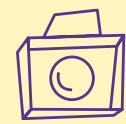
A busca incessante de Batani por oportunidades de comercialização na cidade, apesar das barreiras geográficas e culturais, sublinha o artesanato como uma ferramenta vital para a dignidade e a permanência de sua cultura no novo ambiente.



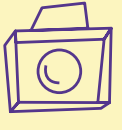
Batani Huni Kuĩ, Rio Branco - AC.
Foto por Sharlene Melanie.



Aos 16 anos, Haweani Huni Kuĩ, personifica a continuidade dessa luta. Em processo de adaptação à vida urbana, aprendendo o português e o domínio das técnicas de tecelagem, uso de miçangas e pinturas corporais com a mãe, ela percebe o potencial instrumental da arte para sua própria autonomia. O artesanato, para Haweani, é a chave para superar desafios e, ao mesmo tempo, garantir a sustentabilidade de seu modo de vida.



Haweani Huni Kuĩ,
Rio Branco - AC.
Foto por Sharlene
Melanie.



Raimunda Huni Kuĩ, na
loja Bari da Amazônia, Rio
Branco - AC.
Fotos por Sharlene Melanie.

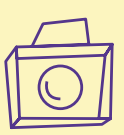
Luta identitária



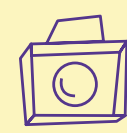
A Luta Identitária permeia cada traço do artesanato Huni Kuĩ, sendo o Kene Kuin seu mais potente símbolo. Para Raimunda, a gestão da Apaminktaj exclusivamente por mulheres indígenas é um ato de resistência e afirmação cultural. Cada peça é uma “joia única repleta de significado ancestral”, carregando histórias e visões de mundo transmitidas por gerações, solidificando a identidade Huni Kuĩ frente à globalização. O orgulho em ser indígena e liderar esse movimento destaca a capacidade em inspirar e empoderar outras mulheres, reafirmando raízes e saberes por meio do artesanato.



Batani Huni Kuĩ vive essa Luta Identitária no cotidiano. Mesmo fora da aldeia, ela se recusa a esquecer a cultura dela, ensinando incansavelmente os saberes tradicionais do artesanato às filhas e outras crianças. As roupas e adereços que confecciona, com grafismos sagrados, são mais que vestimentas. So representaes da espiritualidade e força cultural Huni Kuĩ, destinadas a pajés e guerreiros. Essa dedicação  transmisio do Kene Kuin, cuja complexidade exige paciência e técnica, garante que a identidade de seu povo seja preservada e perpetuada, mesmo diante das adversidades urbanas. O papel das mulheres como “guardiãs das tradies”  fundamental nesse processo.



Batani Huni Kuĩ, Rio Branco - AC.
Foto por Sharlene Melanie.



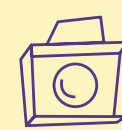
Artesanatos da loja Bari da
Amazônia, Rio Branco - AC.
Foto por Sharlene Melanie.

Luta ética



A Luta Ética no artesanato Huni Kuĩ é profundamente enraizada na cosmovisão indígena de respeito e harmonia com a natureza, e na busca incessante pela justiça social e reconhecimento dos direitos dos povos originários. Esta dimensão se manifesta no uso consciente dos recursos e na valorização do trabalho coletivo.

Para Raimunda, o fato do artesanato ser produzido com materiais naturais como sementes e algodão, refletindo a “visão de mundo dos povos indígenas e a conexão com a natureza”, aponta para uma ética ambiental intrínseca. Embora reconheça o desafio do alto custo de algumas matérias-primas importadas, a essência do trabalho reside na valorização do que a floresta oferece de forma sustentável.



Artesanatos do povo Huni Kuĩ, Rio Branco - AC.
Fotos por Sharlene Melanie.

Batani exemplifica a Luta Ética através das práticas de manejo de recursos e transmissão de conhecimentos. O cultivo colaborativo do algodão, onde “homens cuidam do preparo da roça” e “mulheres colhem o material e o transformar em fios”, demonstra uma relação respeitosa e sustentável com a terra. Não há desperdício e o ciclo de vida da matéria-prima é valorizado. A profunda conexão dos grafismos Kene Kuĩ com os elementos da natureza – ensinados pela jibóia Yube – reafirma uma ética ecológica que integra o ser humano ao ambiente e não os separa. Socialmente, a dedicação de Batani em ensinar o artesanato às novas gerações, mesmo enfrentando dificuldades na cidade, é um ato ético de preservação cultural e intergeracional, garantindo que o legado do seu povo persista e que a justiça cultural seja feita.



Haweani, por sua vez, carrega essa ética para o futuro. A determinação em preservar a cultura dela e aprender português, simultaneamente, reflete uma postura ética de resiliência e afirmação cultural em um novo território. A aplicação dos Kenes em tecelagem, pintura corporal e miçangas, que carregam mitos e histórias que “fazem parte da cosmovisão dos Huni Kuĩ”, demonstra um compromisso ético com a ancestralidade e com um modo de vida que preza o equilíbrio entre o espiritual, o social e o ambiental. O Kene Kuin, como símbolo de resistência e renovação cultural, une identidade, autonomia e direitos indígenas, sendo um testemunho da Luta Ética pela valorização de saberes e pela garantia de um futuro justo para seu povo.



Haweani Huni Kuĩ,
Rio Branco - AC.
Foto por Sharlene
Melanie.



Produtos Bari da Amazônia



Pulseiras
Material: miçanga

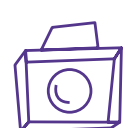
Brincos
Material: miçanga



Colar
Material: miçanga



Acompanhe Bari da Amazônia no Instagram.



Acessórios vendidos na loja Bari da Amazônia.
Fotos por Sharlene Melanie.

Produtos **Batani Huni Kuĩ**



Vestimentas com os Kenes

Material: algodão



Brincos

Material: miçanga



Colar

Material: miçanga

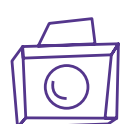


Pulseiras

Material: miçanga



Acompanhe Batani Huni Kuĩ no Instagram.



Acessórios criados por Batani Kuĩ e sua família.
Fotos por Sharlene Melanie.



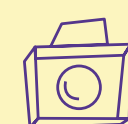
Senador Guiomard: O Palco para o Sagrado Barro

O ateliê Sagrado Barro encontra refúgio no município de Senador Guiomard, no Vale do Acre (24 km de Rio Branco), onde conecta Arte, Espiritualidade e Cura.

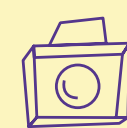
O Sagrado Barro: Glads Mourão Batista e a Conexão entre Arte, Espiritualidade e Cura

A ceramista Glads Mourão Batista emerge como uma voz singular. Nascida em Tarauacá (AC), mas criada em Rio Branco, Glads representa uma nova geração de artesãs que, após trilharem outras carreiras, dedicam-se a criar peças que transcendem a estética. São peças que conectam o invisível ao tangível e o ancestral ao contemporâneo.

No seu sítio, Glads encontra a harmonia com a natureza que inspira as coleções. Ela consegue estabelecer uma relação profunda com o barro, que vai além da matéria-prima, tocando a dimensão do sagrado e da cura emocional. Essa jornada é um testemunho de como a arte pode ser um veículo potente para a autoconexão, a valorização cultural e a transformação social.



Artesã Glads em seu ateliê Sagrado Barro, Senador Guiomard - AC. Foto por Sharlene Melanie.



Artesã Glads em seu ateliê Sagrado Barro, Senador Guiomard - AC. Fotos por Sharlene Melanie.

Luta instrumental



A **Luta Instrumental** para Glads Mourão Batista se manifesta na transição para o universo do artesanato como um novo propósito de vida e na busca pela profissionalização de um ofício ainda incipiente em Rio Branco. Como a primeira ceramista da capital, Glads não apenas domina uma técnica, mas também desbrava um mercado, adaptando-se à demanda que direcionou seu foco do ensino de jovens para o desenvolvimento artístico e comercial do Sagrado Barro. Essa luta é marcada pela superação de desafios práticos significativos: a escassez de materiais específicos para cerâmica e a falta de mão de obra qualificada em Rio Branco. A necessidade de encomendar massa cerâmica de outros estados, com os custos elevados de transporte, ilustra as barreiras instrumentais que Glads enfrenta para manter a produção.

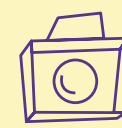




Luta identitária



A **Luta Identitária** de Glads Mourão Batista se desdobra na profunda conexão entre o barro e o resgate da identidade cultural do país, com especial atenção para as raízes amazônicas, africanas e indígenas. Para Glads, a argila não é apenas matéria, mas um “veículo para resgatar a identidade cultural brasileira”, incorporando nas peças símbolos de poder, orixás, palavras de cura e traços de religiosidade. Ao afirmar que a região Norte é rica em espiritualidade e expressões do “invisível”, como o sagrado ligado à natureza, Glads usa a arte para manifestar uma identidade que é inerente à cosmologia amazônica.



Artesã Glads em seu ateliê Sagrado Barro, Senador Guiomard - AC. Fotos por Sharlene Melanie.

A decisão de ressignificar símbolos religiosos de orixás, utilizando argila branca e toques de ouro, é um ato poderoso de afirmação identitária que busca “quebrar preconceitos sociais e valorizar as raízes africanas e indígenas da identidade brasileira, muitas vezes marginalizadas”. Glads “veste o invisível”, criando peças que, além de decorar, purificam a energia dos ambientes, promovendo uma conexão com o espiritual que é vital para a identidade dos povos da Amazônia e do Brasil. Sua arte é uma forma de resistência cultural contra a desvalorização de saberes e crenças ancestrais. É, também, um chamado à reconexão com o sagrado que habita em cada indivíduo e nas origens culturais.



Artesã Glads em seu ateliê Sagrado Barro, Senador Guiomard - AC. Foto por Sharlene Melanie.





luta ética



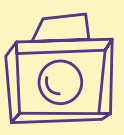
A **Luta Ética** de Glads Mourão Batista manifesta-se no compromisso do trabalho em promover a justiça social por meio da valorização cultural e em instigar uma reconexão humana e espiritual, impactando positivamente o bem-estar individual e coletivo. Embora o foco não seja explicitamente a gestão de recursos naturais como em outros casos de extrativismo, a harmonia com a natureza em seu sítio e a própria escolha do barro – um elemento primordial da terra – para criar peças que purificam e curam, sugerem uma ética de respeito profundo com o material e sua origem. A matéria-prima é sagrada, carregada de energia, e não apenas um recurso a ser explorado.



Artesã Glads em seu ateliê Sagrado Barro, Senador Guiomard - AC.
Fotos por Sharlene Melanie.



A dimensão social da luta ética é ainda mais proeminente. Ao lutar para quebrar preconceitos sociais e valorizar as raízes africanas e indígenas da identidade brasileira, Glads utiliza a arte como um instrumento de inclusão e reconhecimento, conferindo dignidade a culturas frequentemente marginalizadas. A preocupação de que seus colaboradores saibam o que estão fazendo, que entendam que cada peça leva energia e história para dentro de uma casa, demonstra uma ética de consciência e responsabilidade sobre o impacto de cada criação.



Artesã Glads em seu ateliê Sagrado Barro, Senador Guiomard - AC. Foto por Sharlene Melanie.



Produtos Sagrado Barro



Vaso
Material: barro



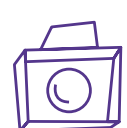
Xícara
Material: barro



Petisqueira
Material: barro



Peças decorativas
Material: barro

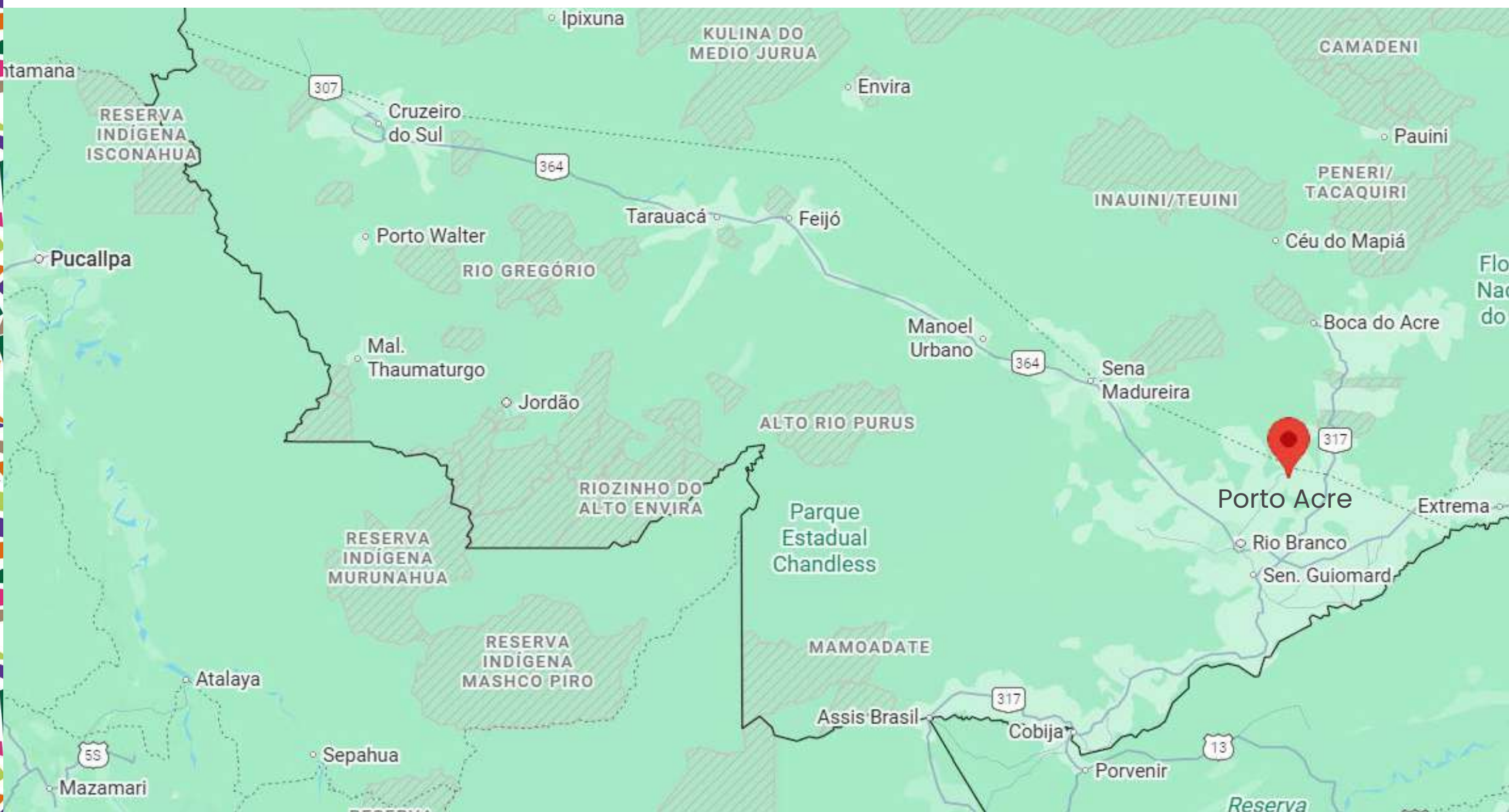


Acessórios criados por Glads do Sagrado Barro.
Fotos por Sharlene Melanie.



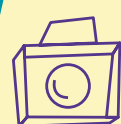
Acompanhe Sagrado Barro no Instagram.

Porto Acre

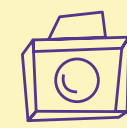


Mapa da Localização de Porto Acre, município do Acre.
Fonte: Adaptado de Google Maps.

Em Porto Acre, a figura de Maria do Socorro Souza personifica a essência do artesanato como um campo de inovação, resiliência e profundo compromisso ambiental. Reconhecida como Mestre Artesã, ela é uma pioneira na arte do beneficiamento de sementes. Um saber construído ao longo de 33 anos de dedicação autodidata. Sua jornada é uma prova da capacidade humana de transformar desafios em oportunidades, de criar a partir do que a floresta oferece e de lutar incansavelmente pela sustentabilidade em um contexto de mudanças climáticas.



Artesanatos da mestra Socorro Souza, Rio Branco – AC.
Foto por Sharlene Melanie.



Mestra Socorro Souza,
Rio Branco - AC.
Foto por Sharlene
Melanie.

Luta instrumental



A **Luta Instrumental** de Socorro Souza é marcada por um notável pioneirismo e uma capacidade inigualável de inovação autodidata. Enfrentando o “segredo” e a falta de compartilhamento de conhecimentos sobre o beneficiamento de sementes, ela desenvolveu ferramentas e técnicas próprias. A criação da furadeira de baixa rotatividade, adaptada com um motor de máquina de lavar, é o exemplo dessa luta por meios e métodos. “Foi um processo longo e difícil, mas consegui desenvolver os equipamentos que precisava. Até hoje uso essa furadeira que montei com um motor de máquina de lavar. Isso revolucionou meu trabalho”, relata. Essa invenção otimizou a produção e estabeleceu um padrão de qualidade que a tornou referência no estado.

Além da própria produção, Socorro estende sua luta instrumental ao desenvolvimento de uma rede de trabalho, gerando oportunidades para cerca de oito pessoas na coleta e beneficiamento de sementes. Ao fornecer as ferramentas e oferecer liberdade de horário, ela cria um modelo flexível de geração de renda que é vital para a subsistência de muitas famílias.



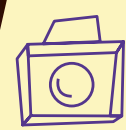
Luta Identitária

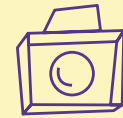


A **Luta Identitária** de Socorro Souza está intrinsecamente ligada à sua profunda conexão com a Amazônia e à singularidade de sua técnica. Ao longo de 33 anos, ela construiu uma identidade artesanal baseada no aproveitamento sustentável de recursos naturais locais, como sementes de jarina, açaí, puxuri, ouriço da castanha e madeiras de reaproveitamento como a pupunha.

Cada peça de Socorro Souza é um fragmento da identidade da floresta, transformado pelas mãos de uma mulher que aprendeu com a observação e a experimentação. Seus produtos, reconhecidos pela alta qualidade, carregam a marca de um conhecimento ancestral e de uma inovação que se recusa a ser aprisionada por métodos convencionais.

O reconhecimento como “Mestre Artesã” celebra a contribuição para a identidade cultural do artesanato acreano.





Mestra Socorro Souza,
Rio Branco - AC.
Foto por Sharlene
Melanie.

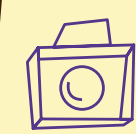
Luta ética



A **Luta Ética** de Socorro Souza se manifesta no inabalável compromisso com a sustentabilidade ambiental e na resiliente resposta aos desafios impostos pelas mudanças climáticas.

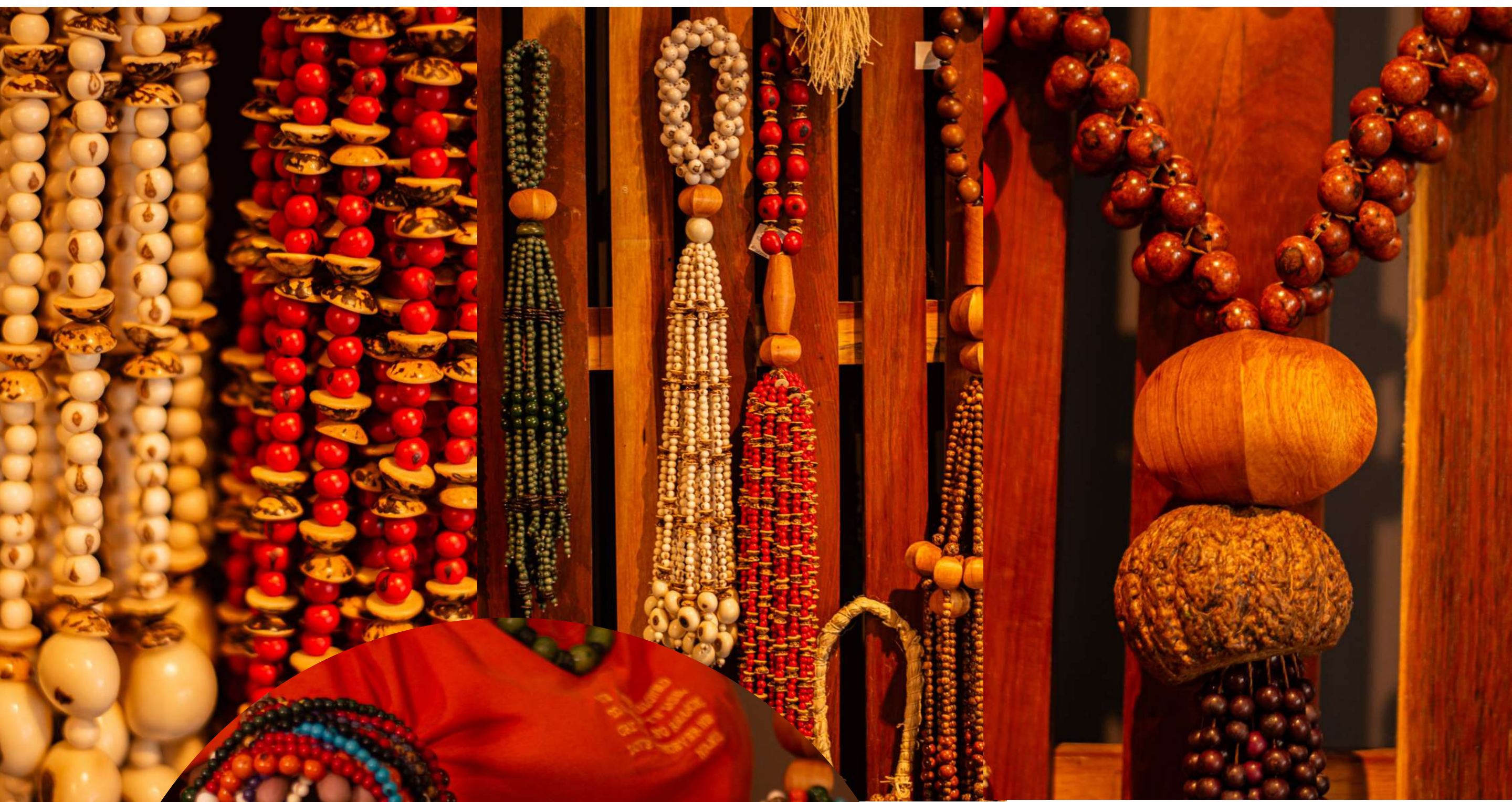
A prática de utilizar sementes e madeiras de reaproveitamento, como a pupunha – coletada em manejo responsável, quando a árvore já não compromete as demais –, é a materialização de uma ética que preza pelo uso consciente e respeitoso dos recursos naturais. “Eu sou a única artesã no Brasil que trabalha com a pupunha no artesanato da forma que eu faço, aproveitando a madeira de forma ecologicamente correta”, completou.

A luta ética de Socorro transcende as práticas individuais. Ela se torna uma voz ativa na conscientização sobre os impactos das mudanças climáticas, ao relatar as dramáticas consequências para a coleta de sementes. “As queimadas fora de controle destruíram muitas árvores, e parte das sementes que consegui estavam queimadas, inutilizáveis... Muitas plantas estão morrendo pela escassez de chuva”. Uma realidade que afeta não apenas Socorro, mas a própria integridade da floresta. A perseverança em continuar trabalhando, mesmo diante da dificuldade para conseguir jarina e dos rios abaixo do nível normal em julho, demonstra uma ética de resiliência e de defesa dos ciclos naturais, reforçando a urgência de repensar nossa relação com o meio ambiente.



Mestra Socorro Souza,
Rio Branco - AC.
Foto por Sharlene
Melanie.

Produtos Socorro Souza



Colares de mesa

Material: sementes, madeira, cascas e ouriços



Cocar

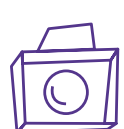
Material: fibra e sementes



Colares Material: sementes e madeira



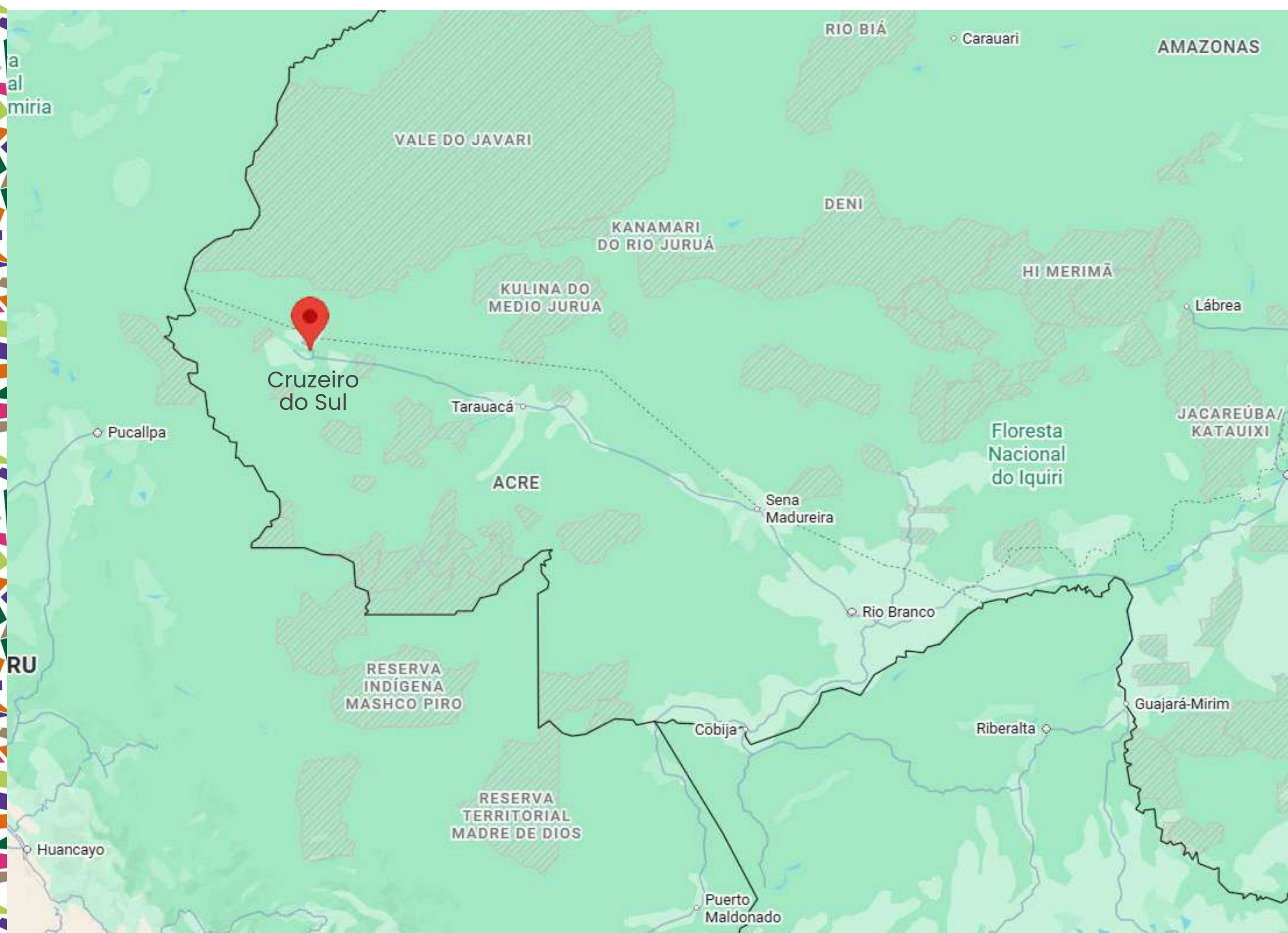
Acompanhe Socorro Souza no Instagram.



Acessórios criados por Socorro Souza.
Fotos por Sharlene Melanie.

Cruzeiro do Sul

O Coração Artesanal da Amazônia Ocidental



Mapa da Localização de Cruzeiro do Sul, município do Acre.
Fonte: Adaptado de Google Maps.

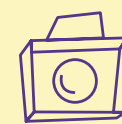
Conhecida como portal do Alto Juruá, Cruzeiro do Sul é um município onde a história e a natureza da Amazônia Ocidental se entrelaçam com a arte local. Acessível por um rápido voo ou por uma imersão pela BR-364, esta cidade pulsa com as memórias de povos indígenas ancestrais, os saberes dos seringais e a influência de uma cultura que se moldou entre rios e florestas. É nesse cenário de tradição e resistência que o artesanato local floresce, transformando fibras, sementes e madeiras em peças que são narrativas vivas da biodiversidade amazônica e do profundo respeito pelas raízes culturais.



Maqueson Pereira da Silva

A trajetória de Maqueson Pereira da Silva, mestre em marchetaria de Cruzeiro do Sul, é uma rica tapeçaria que entrelaça a resiliência do caboclo amazônico, a busca incessante por conhecimento e a expressão artística como guardiã de histórias.

Nascido em um seringal, Maqueson representa a força da floresta e a capacidade de superar adversidades, transformando as origens humildes em alicerces para uma arte sofisticada e cheia de significado.



Mestre Maqueson,
Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene
Melanie.



Ateliê do mestre
Maqueson, Cruzeiro
do Sul - AC.
Foto por Sharlene
Melanie.

Luta instrumental



A **Luta Instrumental** de Maqueson é sobre como ele usa o conhecimento e o trabalho manual para garantir sobrevivência e transformar a vida. Desde cedo, a vontade imensa de aprender o impulsionou a deixar o isolamento do seringal em busca de educação. Usando “**cadernos feitos de sacos de cimento**”, ele mostrava uma determinação notável em superar as limitações da realidade.

A vivência em um seminário em Santa Catarina, com o apoio dos padres alemães, foi fundamental para que as habilidades manuais fossem cultivadas. Foi ali que descobriu e aperfeiçoou a marchetaria. A capacidade de trabalhar a madeira – juntando pedaços de diferentes cores e texturas para criar padrões artísticos – não é apenas um talento natural. É a evidência da busca por técnicas e saberes que lhe deram os meios para viver e prosperar, rompendo com as dificuldades de sua origem.



luta identitária



A **Luta Identitária** de Maqueson é vivida na profunda e complexa fusão de seus dois mundos: o da floresta amazônica e o do ambiente urbano e acadêmico. Mesmo após anos de estudo e vivência em grandes centros, ele afirma: “nunca perdi a conexão com o seringal, com as casas de palha e com os rios do Acre. Esses dois mundos opostos são o que moldaram minha identidade e guiaram meu trabalho artístico”. Essa mistura resulta em obras únicas, que exibem habilidade e traduzem um profundo respeito por suas raízes.



Ateliê e produtos do mestre Maqueson, Cruzeiro do Sul - AC. Fotos por Sharlene Melanie.





Ateliê do mestre
Maqueson, Cruzeiro
do Sul - AC.
Foto por Sharlene
Melanie.

Luta ética



A **Luta Ética** de Maqueson Pereira da Silva é intrínseca ao seu compromisso com a preservação da memória, da cultura amazônica e da humanidade que a floresta ensina. Sua vida inteira foi moldada por uma “comunhão íntima com a floresta” e essa conexão transparece em sua arte. Cada peça de marchetaria não é apenas uma representação, mas um ato de honrar a natureza e as histórias que ela contém.

Produtos Maqueson Pereira



Carteiras
Material: madeiras



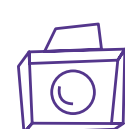
Marcadores de texto
Material: madeiras



Quadro
Material: madeiras



Acompanhe
Maqueson Pereira
no Instagram.

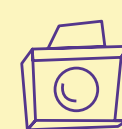


Produtos criados por Maqueson Pereira.
Fotos por Marchetaria do Acre.



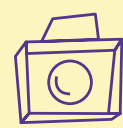
Amélia Marubo: A Força Ancestral que Transforma Barro e Aruá em Cultura Viva

Ainda em Cruzeiro do Sul, encontramos Maria Amélia de Oliveira Marubo, uma voz e um fazer singulares da Terra Indígena Vale do Javari. Nascida e criada na comunidade do Rio Ituí, Amélia enfrentou a ruptura e os desafios da vida na cidade, superando barreiras linguísticas e culturais com notável determinação. Desde os 10 anos, mergulhou no ofício da cerâmica. Uma prática central na cultura feminina Marubo, herdada da mãe. Sua arte não é apenas subsistência, mas um campo de batalha onde a inovação dialoga com a tradição e a profunda conexão com a natureza se manifesta em cada peça.



Amélia Marubo,
Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene
Melanie.



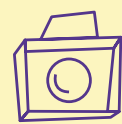


Amélia Marubo,
Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene
Melanie.

Luta instrumental



A **Luta Instrumental** de Amélia Marubo é uma demonstração da capacidade de adaptação e de buscar meio para manter viva uma tradição ancestral em um contexto de constante transformação. Ao deixar a aldeia aos 14 anos, ela enfrentou o desafio de dominar o português – uma ferramenta crucial para a jornada educacional e para a navegação no mundo não indígena. O trabalho em cerâmica, aprendido de forma prática com a mãe, tornou-se a principal forma de expressão e subsistência.



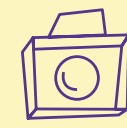
Artesanatos de Amélia
Marubo, Cruzeiro do Sul - AC.
Fotos por Sharlene Melanie.

Luta Identitária



A **Luta Identitária** de Amélia Marubo é a própria reafirmação de sua cultura e pertencimento através de cada peça que cria. Mesmo vivendo há mais de duas décadas fora da aldeia, ela mantém a cerâmica e o artesanato com aruá como âncoras da herança Marubo. O conhecimento e a prática desses ofícios, transmitidos entre gerações de mulheres, são pilares da identidade e um elo indissolúvel com a essência cultural de seu povo. O aruá, em particular, transcende o material para se tornar um símbolo identitário profundo, carregado de significados cosmológicos, estéticos e espirituais, que dialogam com os mitos e conhecimentos transmitidos entre as mulheres e pajés Marubo.





Artesanatos de Amélia
Marubo, Cruzeiro do Sul - AC.
Fotos por Sharlene Melanie.

Luta ética



A **Luta Ética** de Amélia Marubo manifesta-se no profundo respeito pelos ciclos naturais e pela memória ancestral que permeia sua arte. A coleta do barro e do aruá não é meramente uma extração de matéria-prima, mas um ato de comunhão e reverência à floresta, onde cada passo é guiado por um profundo respeito pelos ciclos naturais. A narrativa da origem cosmogônica do aruá, que liga o caramujo à criação do mundo e à vitalidade dos rios, eleva a prática artesanal a um nível de responsabilidade ecológica e espiritual, evidenciando uma ética de interdependência com o ambiente.



Produtos **Amélia Marubo**

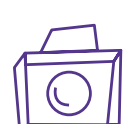


Colares com grafismos Marubo
Material: miçanga



Vaso
Material: barro

Colar cobra coral
Material: miçanga e semente



Produtos criados por Amélia Marubo.
Fotos por Sharlene Melanie.



O Aruá: Símbolo de Arte, Tradição e Cosmologia Marubo

O aruá (*Pomacea canaliculata*), também chamado de novo na língua Marubo, desempenha um papel central na cosmologia, na estética e na vida cotidiana das mulheres desse povo indígena da Amazônia. Mais do que um caramujo, o aruá é visto como parte da essência cultural, sendo utilizado para a produção de preciosos adornos, carregados de significados estéticos, sociais e espirituais. A importância ultrapassa sua materialidade – ele é símbolo de conhecimentos ancestrais, práticas coletivas e um elo entre o humano, a natureza e o mundo espiritual.



O Aruá e sua Origem Cosmogônica

De acordo com a tradição oral, narrada pelos anciãos e xamãs Marubo (kẽchĩtxo-rasĩ), o aruá possui uma origem mitológica profundamente ligada à criação do mundo e à abundância das águas. É contado que Kanavoã, o criador do mundo para o povo Marubo, transformou partes de animais da floresta – como o tórax da anta e a cabeça da queixada – em grandes caramujos que foram posicionados nas cabeceiras dos rios. Segundo o mito, esses caramujos garantem o fluxo das águas, a vitalidade dos rios e a fecundidade da terra, oferecendo equilíbrio e força à natureza. Da mesma forma, pequenos caramujos, formados a partir dos testículos desses mesmos animais, foram colocados nos igarapés para preservarem a renovação das águas. Assim, o aruá enfeita o corpo e é também um símbolo vivo da relação harmoniosa com os ecossistemas e da interdependência entre os seres.



Adornos: Um Conhecimento Feminino

Produzir adornos com o aruá, conhecido como awe (indumentária/enfeite), é um dos ofícios manuais mais importantes do trabalho feminino Marubo. Adornos como colares, brincos, coroas, pulseiras, narigueiras e cintos embelezam o corpo e carregam um significado de certificação cultural, diferenciando os Marubo tanto na vida cotidiana quanto no plano espiritual. Esse conhecimento estético, pertencente exclusivamente às mulheres, representa a continuidade dos legados ancestrais e a transmissão do saber entre gerações.

Desde muito jovens, as mulheres aprendem as técnicas de produção dos adornos e todo o conjunto de saberes associados ao aruá: desde as práticas de coleta e os cuidados com a matéria-prima até o respeito às narrativas e mitos que conferem significado a cada peça. Cada adorno produzido com o aruá carrega consigo memórias, histórias de vida e até mesmo laços familiares.



A Busca pelo Aruá e a Conexão com o Território

A coleta do aruá, prática que requer paciência e conhecimento, é realizada em áreas alagadas como lagos, igarapés e buritizais próximos às aldeias. Os Marubo entendem que o aruá é um ser vivo em constante movimento e que sua localização depende das dinâmicas da natureza. A busca pelo aruá é uma prática social que fortalece os laços familiares e comunitários. Frequentemente, tias, irmãs e avós saem juntas para a coleta, trocando histórias e reforçando as tradições culturais.

Além disso, o aruá possui grande valor para animais como pacas e porcos, que competem com os humanos pelo mesmo recurso. Essa competição destaca, ainda mais, a habilidade das mulheres em localizar e preservar os aruás intactos para a confecção dos adornos.



Estética, Educação e Sustentabilidade

O trabalho com o aruá não é apenas uma prática artística, mas também um processo educativo integrado à sustentabilidade. As jovens aprendem desde cedo a identificar o momento ideal para a coleta, respeitar os ciclos da natureza e valorizar tanto o caramujo quanto os outros elementos usados nos acessórios, como fibras e sementes. Esse aprendizado vem sempre acompanhado das histórias mitológicas, que reforçam o olhar espiritual e o respeito por cada ser vivo.

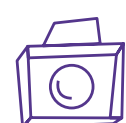
Para os Marubo, o adornar-se com peças feitas de aruá simboliza mais do que uma questão estética. É um ato de reafirmação identitária e de conexão entre o corpo, o espírito e a natureza. Na vida após a morte, acreditam que esses enfeites também têm um papel importante, diferenciando os Marubo no mundo espiritual, garantindo a harmonia e a inclusão cultural e espiritual entre os ancestrais.



O Aruá como Patrimônio Cultural

A produção artesanal com o aruá é um exemplo claro de como as práticas indígenas conjugam estética, funcionalidade e espiritualidade. Tudo em perfeita harmonia com o meio ambiente. Mais do que um simples objeto, os adornos feitos desse caramujo são reflexos de um modo de vida que valoriza o conhecimento tradicional, respeita a biodiversidade e reforça o pertencimento cultural.

Essa sabedoria acumulada por gerações fortalece a identidade Marubo e também aponta caminhos para a preservação dos modos de vida ancestrais, em um mundo cada vez mais impactado pelas mudanças ambientais e sociais. O aruá é, assim, um símbolo de resistência, memória e beleza, entrelaçando o passado, o presente e o futuro do povo Marubo.



Aruá de Amélia Marubo, Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene Melanie.





Artesãs de Cruzeiro do Sul

Em Cruzeiro do Sul, um grupo notável de artesãs como Ana Cláudia, Maria da Glória e Vera Lúcia, mostra a força da Amazônia. Usando materiais que vêm da própria floresta, como o cipó titica e o buriti, essas mulheres não apenas transformam a natureza em arte, mas também contam histórias de superação, de quem são e de um compromisso profundo com o lugar onde vivem.



A Luta Instrumental dessas artesãs é um exemplo claro de como o conhecimento tradicional se torna uma ferramenta poderosa para o crescimento pessoal e a independência. Seja aprendendo sozinhas, como Ana Cláudia com o cipó titica, ou superando problemas de saúde através do trabalho manual, como Maria da Glória com o buriti, o artesanato vai além do ato de produzir. Ele é a base para o sustento financeiro e para o bem-estar. A busca incansável pelos materiais na floresta, a maestria nas técnicas de preparo e trançado, e a capacidade de se adaptar para inovar e vender as peças – seja em feiras da região ou pela internet – mostram uma habilidade notável de usar talentos para viver e prosperar.





Artesanatos de Ana Cláudia,
Cruzeiro do Sul - AC.
Fotos por Sharlene Melanie.

Luta identitária



A escolha de materiais como o cipó e o buriti não é por acaso. Reflete uma herança cultural e um jeito de viver intimamente ligado à floresta. As criações, que vão desde cestas para o dia a dia até adornos feitos à mão, carregam as histórias das comunidades, as lembranças do seringal e as tradições de um povo que soube entender e moldar a natureza. Para elas, o artesanato é uma forma de afirmar quem são as mulheres da floresta, superando preconceitos e distâncias.

Luta ética



A **Luta Ética** dessas artesãs materializa, no cotidiano do artesanato amazônico, questões cruciais de justiça social e ambiental. Elas são as primeiras a testemunhar e sentir diretamente o impacto devastador do desmatamento e da degradação ambiental na disponibilidade dos materiais, o que as impulsiona a equilibrar a produção com práticas profundamente sustentáveis e éticas. Esse compromisso se traduz em atos concretos: seja deixando parte do cipó titica para que se renove naturalmente ou manuseando o buriti sem devastar a floresta.

Essa atuação reflete uma profunda responsabilidade pelo uso consciente dos recursos naturais e pela proteção do meio ambiente. Para elas, a preocupação com a floresta não é uma teoria distante, mas uma prática vivida que integra valores culturais e ecológicos nas atividades diárias.

Produtos Ana Cláudia, Maria da Glória e Vera Lúcia



Cestos
Material: cipó



Cestos
Material: fibra e madeira



Bolsa
Material: fibra

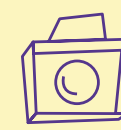


Bolsa e vassoura
Material: cipó





Puyanawa



Casa típica Puyanawa, próximo à Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene Melanie.

Luta instrumental

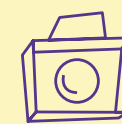


A dimensão instrumental do artesanato Puyanawa é, antes de tudo, um testemunho da capacidade humana de adaptação e persistência diante dos desafios. Desde 1910, quando foram forçosamente trazidos à região, por ordem do Coronel Mâncio Lima, as práticas agrícolas, como a plantação de macaxeira e café, foram centrais para a sobrevivência. Como ressalta o cacique, Joel Puyanawa, “Essa cultura nós nunca perdemos” e hoje a alta produtividade na fabricação de farinha de macaxeira constitui a principal fonte de renda do território.

Atualmente, estão em processo de “retomada cultural” onde o artesanato emerge como a segunda fonte de renda, solidificando-se como um pilar de subsistência e autonomia econômica. Para as mulheres Puyanawa, a prática artesanal é uma das principais manifestações do modo de vida, essencial para garantir o sustento familiar.

A comunidade demonstra uma notável organização nesse aspecto. Uma pesquisa realizada pelo irmão do cacique, Davi, revelou 35 tipos de artes tradicionais, das quais 34 são reproduzidas ativamente. Essa produção reflete uma divisão de gênero colaborativa: homens se dedicam à confecção de lanças, canoas, braceletes e coroas (tetepawã) com penas de gavião, enquanto as mulheres criam brincos, tiaras, pulseiras e acessórios de cabelo. Há também práticas compartilhadas, como a preparação de cordões e a confecção de acessórios com sementes naturais, onde os homens furam e as mulheres finalizam. Essa cooperação otimiza a produção e evidencia a teia de saberes que sustenta a economia familiar.

O artesanato Puyanawa não é apenas uma manifestação cultural, mas um motor de desenvolvimento social e econômico. O relato de **Rian Otávio**, um jovem de 15 anos que mora na aldeia, personifica essa instrumentalidade. Ele, que aprendeu com a irmã e agora a orienta, vê o artesanato como uma fonte de renda essencial para si e para a aldeia, com mais de 25 jovens ativamente envolvidos. A visão de que o futuro será tomado pelo artesanato é o reconhecimento de uma ferramenta eficaz para o empoderamento econômico e social da juventude.



Jovem artesão Rian Puyanawa,
próximo à Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene Melanie.

Da mesma forma, a atuação de **Diênita Puyanawa** como artesã e agente de saúde demonstra a multifuncionalidade da arte. Ela produz uma vasta gama de peças (faixas, pulseiras, coroas, lanças etc.), de toda a Comunidade e, também, atua na comercialização em festivais e redes sociais, expandindo o alcance e a instrumentalidade econômica do artesanato para toda a comunidade.

A luta instrumental, portanto, revela como o artesanato Puyanawa é muito mais do que peças decorativas. É a espinha dorsal da economia, um meio de subsistência que se adapta, inova e garante a autonomia do povo naquele território.

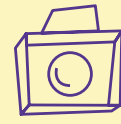


Artesão Diênita Puyanawa,
próximo à Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene Melanie.





Luta identitária



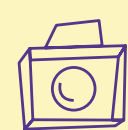
Artesanatos Puyanawa,
próximo à Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene Melanie.

Para além da dimensão econômica, o artesanato Puyanawa é um campo de batalha simbólico na **Luta Identitária**, onde o foco está na preservação e afirmação das identidades culturais por meio da arte. Essa luta reflete o desejo profundo deste povo em manter e transmitir as tradições culturais, utilizando o artesanato como uma forma de resistência e expressão inegável de quem são. Cada traço, cada padrão, cada cor nas peças Puyanawa conta uma história, revelando a cosmovisão de um povo que não se envergonha das próprias raízes.

A autenticidade e singularidade são pilares dessa luta. A comunidade incentiva mais de 50 artesãos a evitarem copiar criações de outras etnias, respeitando os significados únicos associados às peças. Cada pulseira Puyanawa, por exemplo, possui um significado próprio, ligado às pinturas e aos desenhos tradicionais que têm nomes específicos na língua Puyanawa e em português. A pintura e os adornos do cacique, por sua singularidade e representatividade, são exclusivos e não podem ser replicados, reforçando a hierarquia e o respeito à tradição. O processo de aprendizado artesanal é visto como resultado de um “chamado espiritual”, o que eleva o conhecimento tradicional a uma dimensão sagrada, intrinsecamente ligada à identidade e aos rituais.

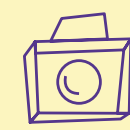
A simbologia da liderança e as expressões culturais reforçam essa luta. As coroas, com penas de gavião-real são usadas somente pelo cacique e pelos dois líderes principais. As penas de arara/papagaio pelos professores e líderes espirituais. Isso demonstra como os adornos são carregados de significado social e espiritual. Rituais, música e festividades são elementos centrais, transmitindo positividade e fortalecendo os laços comunitários. A criação de novas músicas parte sempre das bases tradicionais, mantendo viva a conexão com os antepassados.

A preservação cultural é um traço definidor. O **cacique Joel** exemplifica essa liderança ao usar um cordão com a figura do sapo medicinal (Kambô), que simboliza a ligação ancestral com o “Povo do Sapo”. Ao afirmar “Não nos intimidamos nem nos envergonhamos de falar a quem pertencemos” ecoa a força dessa identidade. Ele preza pela união, conhecimento espiritual e fluidez, garantindo que cada artesão compreenda o compromisso de seu trabalho com a história e os rituais do povo, inclusive abrindo espaço para que mulheres recebam o “chamado espiritual” para criar coroas, respeitando a individualidade e a história.



Joel Puyanawa em sua aldeia, próxima à Cruzeiro do Sul - AC. Fotos por Sharlene Melanie.

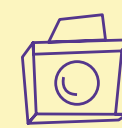
A jornada de **Pindu Puyanawa**, de 44 anos, é um poderoso testemunho dessa luta. Após um longo período na cidade, ela retornou à aldeia em busca de reconexão. O talento para o artesanato, descoberto e ensinado pelas sobrinhas em uma dinâmica invertida de aprendizado, permitiu-lhe honrar a história dos ancestrais e transmitir ensinamentos para os filhos, inclusive a adotiva não-indígena. Pindu manifesta o orgulho e a determinação de ser uma ponte entre a comunidade e o mundo externo, combatendo o preconceito e mostrando a riqueza e profundidade da sua cultura.



Artesão Pindu Puyanawa, próximo à Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene Melanie.



Diênita Puyanawa exemplifica ainda mais essa luta. Sua arte está intrinsecamente ligada às práticas espirituais e festividades do povo, incluindo rituais com o rapé (medicina tradicional), que para ela é uma fonte de sabedoria e ensinamento para a prática artística, auxiliando na concentração e acesso a conhecimentos ancestrais. A participação como protagonista no projeto 'Resgate dos Saberes dos Nossos Ancestrais', em evento no Peru, e a condução de oficinas para jovens e mulheres na aldeia (palha, cipó, miçanga, pintura) demonstram um compromisso ativo na recuperação e transmissão do conhecimento dos poucos anciãos remanescentes. A dedicação de Diênita assegura que jovens Puyanawa, como Rian, demonstrem notável interesse e engajamento, confirmando a eficácia da transmissão do conhecimento como pilar da preservação cultural e da identidade, tecendo uma ponte entre o passado e o futuro.



Artesão Diênita Puyanawa,
próximo à Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene Melanie.





Artesanatos Puyanawa,
próximo à Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene Melanie.

Luta ética



A **Luta Ética**, aprofunda-se nas questões cruciais de justiça social e ambiental, destacando como os artesãos Puyanawa equilibram a produção com práticas sustentáveis e éticas. Este compromisso reflete uma profunda responsabilidade pelo uso consciente dos recursos naturais e pela proteção do meio ambiente, integrando valores culturais e ecológicos nas atividades diárias. É a manifestação prática de uma governança territorial indígena, onde a relação com a natureza é de respeito e interdependência.

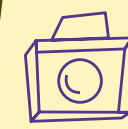
A ética Puyanawa no artesanato transcende a mera conformidade ambiental. Ela é intrínseca à cosmovisão, que reconhece a floresta como um ser vivo e sagrado, provedora de vida e conhecimento. Embora não explicitamente detalhado na matéria-prima, o fato de 34 das 35 artes históricas serem dominadas, com a exceção da cerâmica que exige habilidades avançadas, indica uma relação de profunda maestria e conhecimento dos recursos disponíveis. A coleta de matérias-primas é realizada de forma sustentável, evitando a exaustão dos recursos e garantindo a regeneração do ecossistema, uma prática inerente à ancestralidade e sabedoria desse povo.

Essa luta também se manifesta no rigor com que o povo Puyanawa respeita as próprias tradições e rejeita copiar festas ou práticas de outras culturas. Um posicionamento ético que defende a dignidade e a singularidade de cada povo. O cacique destaca que “as coisas devem ser feitas dentro da nossa própria realidade, com nossa história e dignidade.”



Jovem Puyanawa, próximo à
Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene Melanie.

Pindu Puyanawa ilustra essa luta ao enfatizar a integração do artesanato com a espiritualidade e o meio ambiente, destacando como as peças que produz exigem que esteja “em harmonia consigo mesma para que tenham qualidade”. Para ela, o artesanato é um reflexo do estado emocional e espiritual, valorizando o equilíbrio interno no processo de criação. Essa abordagem holística transcende a dimensão material, elevando o ato de criar a um plano ético de respeito ao ser, ao fazer e à natureza.



Jovem artesão Rian Puyanawa,
próximo à Cruzeiro do Sul - AC.
Foto por Sharlene Melanie.

A atuação de Diênita Puyanawa, que integra arte com práticas espirituais e rituais que utilizam medicina tradicional, reforça essa dimensão ética. A busca por sabedoria e ensinamento através do rapé, que auxilia na concentração e acesso a conhecimentos ancestrais sobre a arte, demonstra um profundo respeito pelos saberes da floresta e pela integridade de sua aplicação. A dedicação ao resgate e transmissão de saberes ancestrais para as novas gerações é um ato ético de preservação do patrimônio cultural e ambiental, garantindo que a produção artesanal seja sempre consciente, enraizada e responsável.



Artesanatos e jovens Puyanawa, nas proximidades de Cruzeiro do Sul (AC).
Fotos por Sharlene Melanie.



Produtos Puyanawa



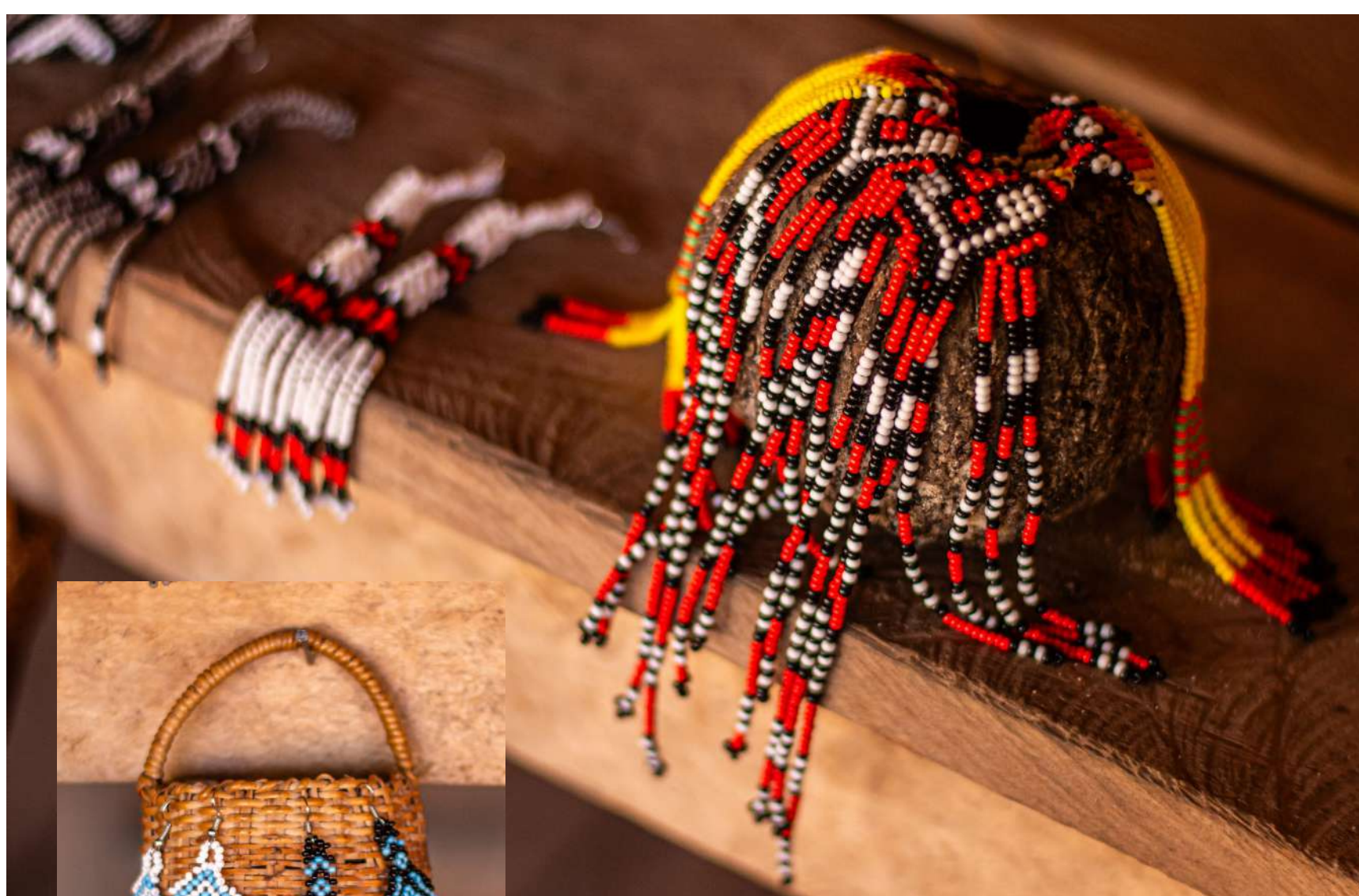
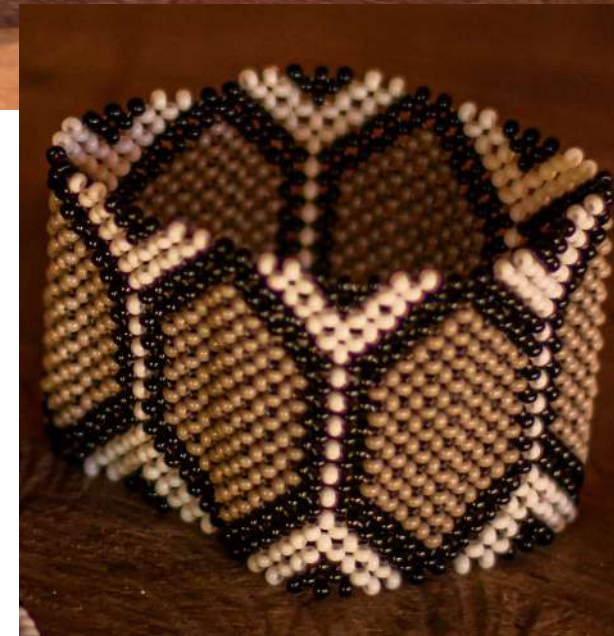
Colares

Material: miçanga



Pulseiras

Material: miçanga



Brincos

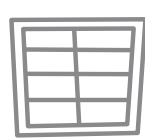
Material: miçanga



Acompanhe o Povo Puyanawa no Instagram.



Produtos criados pelo povo Puyanawa. Fotos por Sharlene Melanie.



1. As Três Lutas: Estrutura Central



Foco: Economia e Sobrevivência

Pontos Positivos (Conquistas)

Áreas para Melhoria (Desafios)

O artesanato como base essencial para a subsistência e geração de renda, especialmente em contextos de mercado local restrito e isolamento geográfico, como evidenciado pelo Ateliê Florescer na Reserva Chico Mendes.

Conquista de autonomia financeira e organização comunitária, como a criação da Associação das Produtoras de Artesanato das Mulheres Indígenas de Tarauacá e Jordão (Apaminktaj) e a loja Bari da Amazônia pelos Huni Kuĩ em Rio Branco.

Desenvolvimento de técnicas inovadoras e adaptação para otimizar a produção, como a furadeira de baixa rotatividade adaptada por Socorro Souza para o beneficiamento de sementes.

Geração de oportunidades de trabalho e renda para a comunidade local, tanto na produção quanto na coleta de matérias-primas.

O artesanato como um motor de desenvolvimento social e econômico, engajando jovens e promovendo a continuidade dos saberes, como observado com o povo Puyanawa.

A busca por educação e aperfeiçoamento de habilidades manuais que se tornam meio de vida, como a marchetaria para Maqueson Pereira da Silva.

Restrições do mercado local e desafios impostos pelo isolamento geográfico para a comercialização dos produtos.

Barreiras geográficas/culturais na busca por mercados mais amplos.

Escassez de materiais específicos e a falta de mão de obra qualificada em técnicas especializadas, como a cerâmica, gerando altos custos de logística para aquisição de matéria-prima.

O “segredo” e a falta de compartilhamento de conhecimentos em algumas técnicas tradicionais, dificultando a expansão e a inovação coletiva.

A necessidade contínua de adaptação de tradições ancestrais em contextos de transformação social e urbana, como a vivência de Amélia Marubo fora da aldeia.



Pontos Positivos (Conquistas)

Áreas para Melhoria (Desafios)

O artesanato como instrumento poderoso de resistência e continuidade cultural, salvaguardando saberes e tradições ancestrais, e fortalecendo o sentimento de pertencimento.

Expressão profunda da identidade dos povos da floresta, utilizando grafismos sagrados como o Kene Kuin dos Huni Kuĩ, que se tornam uma linguagem visual da história e espírito do povo.

A promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres artesãs, que atuam como líderes e guardiãs das tradições, resistindo à desvalorização do trabalho feminino.

O resgate da identidade cultural brasileira, com especial atenção às raízes amazônicas, africanas e indígenas, manifestado na arte que conecta o invisível ao tangível, como a cerâmica “Sagrado Barro” de Glads Mourão Batista.

A singularidade das técnicas e a conexão profunda com a Amazônia que forjam uma identidade artesanal única, reconhecida através de títulos como Socorro Souza que se tornou “Mestre Artesã”.

O aruá como símbolo de arte, tradição e cosmologia Marubo, um elo entre o humano, a natureza e o mundo espiritual, com o conhecimento de produção de adornos uma perfeita integração com o meio ambiente.

A preservação cultural ativa através da arte, onde cada peça Puyanawa conta uma história e reflete a cosmovisão do povo, com a liderança incentivando a autenticidade e evitando cópias de outras etnias.

A necessidade de combater o preconceito e a desvalorização de saberes e crenças ancestrais em um mundo globalizado.

Manter a transmissão cultural em ambientes urbanos, onde a distância da aldeia pode representar um risco à perpetuação das tradições.

A urgência de garantir a “retomada cultural” e a preservação da singularidade de cada povo, reforçando a dignidade e a história própria em face de influências externas.



Foco: Meio Ambiente e Valores

Pontos Positivos (Conquistas)

Compromisso indissociável com a justiça social e a conservação ambiental, integrando valores culturais e ecológicos nas atividades diárias e comprovando a viabilidade da “floresta em pé” como modelo econômico.

Uso consciente e respeitoso dos recursos naturais, praticando a extração seletiva e responsável de matérias-primas como cipó e sementes, garantindo a regeneração da floresta e a biodiversidade local.

A arte como um veículo para promover a justiça social, valorizando as raízes africanas e indígenas e quebrando preconceitos, como a cerâmica de Glads Mourão Batista.

Uma ética que se manifesta na relação harmoniosa com a natureza, onde o cultivo colaborativo, o não desperdício e a profunda conexão dos grafismos com elementos naturais são práticas cotidianas.

A defesa e conscientização sobre os ciclos naturais e os impactos das mudanças climáticas, com artesãs como Socorro Souza alertando sobre a destruição e escassez de recursos.

O profundo respeito pelos ciclos naturais e pela memória ancestral que permeiam a arte, transformando a coleta de matérias-primas em um ato de comunhão e reverência à floresta, como o aruá para os Marubo.

A cosmovisão indígena Puyanawa, que reconhece a floresta como um ser vivo e sagrado, integrando essa perspectiva em todas as etapas da produção artesanal.

A integração da espiritualidade e do equilíbrio interno no processo de criação, elevando o artesanato a um plano ético de respeito ao ser, ao fazer e à natureza, como na visão de Pindu Puyanawa.

Áreas para Melhoria (Desafios)

Crise climática e desmatamento ameaçando a disponibilidade de matérias-primas, com impactos diretos na coleta e produção artesanal.

A necessidade de fortalecer a transmissão de conhecimentos para as novas gerações, garantindo que os legados culturais e a ética ambiental persistam diante das adversidades e da vida moderna.

Manter a coerência e o rigor ético na produção, assegurando que o artesanato reflita sempre a história e a dignidade do povo, sem cair em apropriações ou descaracterizações.

2. Eixos Estratégicos de Desenvolvimento

Comercialização

A conexão entre o produto e o mercado, vital para a sustentabilidade econômica do artesanato.

Pontos Positivos (Conquistas)

Canais de venda estabelecidos, como a loja Bari da Amazônia em Rio Branco, a Casa do Artesão em Cruzeiro do Sul, além do uso crescente de plataformas como Instagram e a participação em feiras.

Qualidade reconhecida dos produtos, como os de Socorro Souza, que se tornam referência no estado.

Ações de comercialização em festivais e redes sociais realizadas por artesãos como Diênita Puyanawa, expandindo o alcance e a instrumentalidade econômica do artesanato.

Áreas para Melhoria (Desafios)

Necessidade de maior valorização do artesanato por parte dos lojistas e consumidores, assegurando um preço justo que reflita a complexidade e o tempo do trabalho manual.

Superar barreiras geográficas e culturais que dificultam a comercialização em mercados maiores e mais distantes.

Desenvolvimento de estratégias de comunicação e design que valorizem a narrativa e os símbolos culturais de cada peça.

Criação de catálogos profissionais e fichas técnicas detalhadas para organizar e apresentar os produtos de forma atrativa para venda.

Oportunidades

Caminhos para o crescimento e profissionalização do setor artesanal.

Pontos Positivos (Conquistas)

A existência de mestres artesãos renomados que perpetuam saberes tradicionais e servem de inspiração e formação.

Oportunidades de aprendizado e qualificação, como a vivência em seminários para aperfeiçoamento técnico e a realização de oficinas para jovens e mulheres nas comunidades.

Participação em eventos, exposições e feiras para divulgação, networking e reconhecimento do trabalho, como observado com as artesãs de Cruzeiro do Sul e Diênita Puyanawa.

A abertura de espaços para o empreendedorismo feminino indígena e a organização em associações, fortalecendo a autonomia e a capacidade de negociação.

Áreas para Melhoria

(Lista de Ações Necessárias)

Resolução da escassez de materiais específicos e da falta de mão de obra qualificada, o que demanda programas de capacitação e fomento à produção local de insumos.

Superar o acesso limitado a certas matérias-primas e o impacto das mudanças climáticas na sua disponibilidade, buscando alternativas sustentáveis e estratégias de manejo de recursos.

Orientação para melhoria da gestão administrativa e financeira das associações e grupos de artesãos.

Incentivo à maior participação e engajamento dos jovens na cadeia produtiva e na transmissão dos conhecimentos ancestrais, garantindo a sucessão geracional.

Futuro

Visão de longo prazo e sustentabilidade do artesanato no Acre.

Pontos Positivos (Conquistas)

A continuidade da luta e o potencial instrumental da arte para a autonomia e sustentabilidade dos modos de vida, personificado pela juventude que se dedica ao artesanato, como Haweani Huni Kuĩ e Rian Otávio Puyanawa.

A visão de que “o futuro será tomado pelo artesanato” como uma ferramenta eficaz para o empoderamento econômico e social das comunidades.

Planos concretos para expandir e fortalecer a produção artesanal e cultural através da organização comunitária e da transmissão de saberes entre gerações.

A ambição de criar redes de artesanato mais amplas e inclusivas.

Áreas para Melhoria (Desafios)

Garantir a sucessão geracional, com maior participação e engajamento dos jovens na aprendizagem e prática dos ofícios, para assegurar a continuidade das tradições e saberes.

Superar a falta de financiamento e apoio institucional que impede a realização de novos projetos e o crescimento sustentável do setor.

Desenvolver políticas públicas específicas que valorizem o artesanato como um patrimônio cultural e econômico, garantindo apoio e infraestrutura adequados.

Continuar adaptando e inovando, mantendo as tradições ancestrais vivas enquanto se busca novos mercados e técnicas que assegurem a relevância e a sustentabilidade no longo prazo.



Extras

Making of e playlist

Confira ao conteúdo extra do Mosaico Acre:



O *making of* realizado no Acre mostra os bastidores do mapeamento do artesanato local, destacando o trabalho dos artesãos e o contexto cultural dos territórios de forma resumida.

 **Making Of** 



Músicas do Acre que ajudaram a ambientar o processo criativo e conectar o trabalho do documentário ao território. As faixas refletem a identidade cultural local e acompanham as etapas de estudo, registro e inspiração do projeto.

 **Playlist Acre** 



Contatos

Brasiléia

Atelier Florescer

Nome: Iranilce Pereira da Silva Lanes (presidente)
Endereço: BR 317, km 84718, Ramal St^a Luzia, Zona Rural.
Instagram: @iranilcelanes / @atelier_florescer_ac
Canais de venda: Instagram e feiras
Principais matérias-primas: Sementes e fibras

Cruzeiro Sul

Nome: Ana Claudia Coelho dos Santos
Telefone: (68) 99250-5128
Instagram: @casadoartesaoczs
Canais de venda: Casa do Artesão Cruzeiro do Sul
Principal matéria-prima: Cipó

Nome: Maqueson Pereira da Silva (mestre)
Telefone: (68) 9923-5795
Endereço: Rua do Condamine, 514 - Bairro Formoso.
Instagram: @marchetariadoacre
Canais de venda: Instagram e loja online
Principal matéria-prima: Madeira

Nome: M^ª da Glória Andrade Cunha
Endereço: Rua Santa Catarina, nº 38 Bairro: Floresta
Telefone: (68) 99979-1038
Instagram: @casadoartesaoczs
Canais de venda: Casa do Artesão Cruzeiro do Sul
Principal matéria-prima: Cipó

Nome: Maria Amélia de Oliveira Marubo
Endereço: R. Antônio Costeira, nº 2056
Telefone: (68) 99923-6795
Instagram: @casadoartesaoczs
Canais de venda: Casa do Artesão Cruzeiro do Sul
Principal matéria-prima: Barro

Nome: Vera Lúcia Pereira Braz de Andrade
Endereço: BR 364, Ramal 6
Telefone: (68) 3982-5573
Instagram: @casadoartesaoczs
Canais de venda: Casa do Artesão Cruzeiro do Sul
Principal matéria-prima: Cipó



Mâncio Lima

Aldeia Puyanawa

Nome: Adaiane Maria dos Santos

Endereço: Aldeia Puyanawa

Telefone: (68) 99204-5894

Instagram: @pidu_puyanawa

Canais de venda: Instagram e Aldeia Puyanawa

Principal matéria-prima: Miçanga

Nome: Diênita Martins de Lima Puyanawa

Endereço: Aldeia Puyanawa

Telefone: (68) 99221-0758

Canais de venda: Aldeia Puyanawa

Principal matéria-prima: Miçanga

Nome: Rian Otávio de Souza Puyanawa

Endereço: Aldeia Puyanawa

Telefone: (68) 99999-1652

Canais de venda: Aldeia Puyanawa

Principal matéria-prima: Miçanga



Porto Acre

Maria do Socorro Souza

Endereço: Rua Senador Eduardo Assmar, nº 187 – Bairro 6 de Agosto

Telefone: (68) 99991-9158

Instagram: @casadoartesanatoacreano

Canais de venda: Casa do Artesanato Acreano

Principal matéria-prima: Sementes



Rio Branco

Batani Hunikui

Endereço: Av Epaminondas Jacome, nº 3267 – Bairro Centro

Telefone: (68) 99212-7073

Instagram: @batanihunikui

Canais de venda: Loja Bari da Amazônia

Principais matérias-primas: Algodão e miçangas.

Bari da Amazônia/ Novo Mercado Velho

Responsável: Raimunda Nonata Silva Pinheiro

Endereço: Av. Epaminondas Jácome, nº 6 – Bairro Centro

Telefone: (68) 98402-8715

Instagram: @bari_da_amazonia

Canais de venda: Loja Bari da Amazônia

Principais matérias-primas: Algodão e miçangas.

Senador Guiomard

Sagrado Barro

Responsável: Glads Mourão Batista

Endereço: Av. Castelo Branco, 289

Telefone: (68) 99931-3823

Instagram: @sagrado.barro

Canais de venda: Instagram e feiras

Principal matéria-prima: Barro.





Ficha técnica

SEBRAE

Presidente do Conselho Deliberativo Nacional: José Zeferino Pedroso

Diretor Presidente: Décio Lima

Diretor Técnico: Bruno Quick

Diretora de Administração e Finanças: Margarete Coelho

Gerente da Unidade de Competitividade: Fabio Krieger Lopes Reis

Gerente Adjunto da Unidade de Competitividade: Patrícia Mayana

Gestora Nacional de Artesanato: Durcelice Cândida Mascêne

COMITÊ NACIONAL DE GOVERNANÇA DO CRAB

SEBRAE NACIONAL: Bruno Quick

SEBRAE RIO: Sergio Malta

SEBRAE AMAZONAS: Lamisse Said da Silva Cavalcante

SEBRAE PARÁ: Rubens da Costa Magno Júnior

SEBRAE ACRE: Kleber Campos Júnior

SEBRAE PARAÍBA: Luiz Alberto Gonçalves de Amorim

SEBRAE BAHIA: Franklin Santana Santos

SEBRAE CEARÁ: Joaquim Cartaxo Filho

SEBRAE PERNAMBUCO: Josiana Ferreira

SEBRAE MATO GROSSO: André Luiz Spinelli Schelini

SEBRAE GOIÁS: Marcelo Lessa

SEBRAE MINAS GERAIS: Afonso Maria Rocha

SEBRAE ESPÍRITO SANTO: Pedro Gilson Rigo

SEBRAE PARANÁ: César Rissete

SEBRAE RIO

Presidente do Conselho Deliberativo Estadual: Robson Carneiro

Diretor Superintendente: Antonio Alvarenga Neto

Diretor de Desenvolvimento: Sergio Malta

Diretor de Produtos e Atendimento: Marcelo Fiorini

CENTRO SEBRAE DE REFERÊNCIA DO ARTESANATO BRASILEIRO – CRAB

Gerência: Marc Diaz

Coordenação de Articulações e Parcerias: Ana Lúcia Simões Corrêa

Coordenação de Administração e Finanças: Natalia Lorenzetti

Equipe CRAB: Betina Monnerat, Bruna Pelegrino, Bruna Santos, Edson Gonçalves, Elys Vieira, Gabriel Lopes, Graciela Urquiza Mendes, João Victor Sarmiento, Larissa Lynch, Laura Landau, Maria Eduarda Pinheiro, Mariana Carvalho, Nathalia Laurindo, Pierre Melonio, Tassiana Nascimento e Vinicius Henrique Mota

Idealizadora e Coordenadora do Projeto: Laura Landau

Realização: Instituto Zagaia Amazônia

Coordenadora Geral, Pesquisadora e criação de conteúdo: Rozana Trilha

Designer e Pesquisadora : Sharlene Melaine

Produção: Silmara Silva

Pesquisador: Ricardo Tavares

Revisão de conteúdo: Cleamy Albuquerque

Audiovisual

Direção geral: Rozana Trilha

Direção audiovisual: Ribamar Xavier

Direção artística, roteiro e fotografia: Sharlene Melanie

Produção Executiva: Laura Landau

Trilha Sonora

Direção e produção sonora: Góia

Coordenação e poesia: Sharlene Melanie

Narração: Diego Britto, Edy Soares, Felipe Lima da Silva, Jogus Oliveira e Marcelo Nakamura



www.amazonzagaia.com.br

@amazonzagaia



©2026. Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas no Estado do Rio de Janeiro – Sebrae/RJ.
Avenida Marechal Câmara, 171, Centro, Rio de Janeiro /RJ.

Bibliotecário catalogador – Leandro Pacheco de Melo – CRB 7ª 5471

T819 Trilha, Rozana
Mosaico Acre: Mapeamento Cultural do Artesanato Brasileiro / Rozana
Trilha, Sharlene Melaine e CRAB - Centro SEBRAE de Referência do Artesanato
Brasileiro. – [s. n.] Rio de Janeiro/RJ, 2025.
81 p.: il. Color.

ISBN: 978-65-5818-810-0

1. Catálogo. 2. Norte. 3. Mapeamento. I. Sebrae/RJ. II. Centro SEBRAE de
Referência do Artesanato Brasileiro. III. Melaine, Sharlene. IV. Título.

CDU 069.5:7(81)
CDU 069.5:7(81)